RUFANDO BOMB NEWS Notícias sem rodeios

Terca-Feira, 10 de Novembro de 2026

O Brasil que dá certo

FABRÍCIO CARVALHO

Fabricio Carvalho

A música brasileira é, de fato, um universo vasto e rico, moldado por uma confluência de influências que se manifestam em performance, melodia, harmonia e ritmo. Esse caldeirão cultural — nutrido por heranças africana, indígena e europeia — deu origem a um estilo de composição inconfundivelmente brasileiro.

É na música de concerto brasileira que a intenção de retratar o Brasil se manifesta com muita profundidade, por buscar conexão entre os mais diversos Brasis, e dialogar com a multiplicidade de culturas e paisagens que compõem a nação.

Na vanguarda desse movimento, a figura de Heitor Villa-Lobos se destaca como nosso maior exemplo. Com uma sensibilidade ímpar para ouvir o Brasil, ele buscou no sertão, na floresta e nas ruas do Rio de Janeiro — junto aos chorões — a sonoridade que, fundida a uma harmonia sofisticada, deu origem a um estilo profundamente nacionalista, mas que transcende o simples folclorismo.

Villa-Lobos não estava sozinho. Outros compositores da mesma linhagem, como Francisco Mignone, Oscar Lorenzo Fernández, Camargo Guarnieri, Radamés Gnattali e Osvaldo Lacerda, compartilhavam com ele uma forte conexão com o nacionalismo musical. Esse movimento, que ganhou força no século XX a partir da Semana de Arte Moderna de 1922, buscava criar uma música com uma identidade genuinamente brasileira. A ideia era se afastar dos modelos europeus, até então dominantes, para incorporar elementos da rica cultura popular e folclórica do país.

Juntos, esses mestres compartilhavam a visão de que a música brasileira deveria refletir sua própria cultura, bebendo na fonte popular e folclórica para criar uma produção erudita de alta qualidade e originalidade.

A fusão desses compositores, liderada por Villa-Lobos, demonstra a solidez e a originalidade da música de concerto brasileira. Eles não apenas incorporaram elementos da cultura brasileira — como as sonoridades indígenas, os ritmos afro-brasileiros do maracatu, do jongo, do candomblé, além das toadas e cantigas de roda — mas os elevaram a um patamar erudito. Por meio da polirritmia e da síncope, eles revitalizaram formas clássicas como a fuga, a suíte e a sonata, injetando-lhes uma energia rítmica singular. Um exemplo notável dessa síntese é o Trenzinho do Caipira, último movimento das Bachianas Brasileiras n° 2 de Villa-Lobos. Nele, a policromia sonora do maestro descreve o trem que, com suas locomotivas de ferro, corta as paisagens montanhosas de Minas Gerais, criando uma condição imagética extraordinária que transcende a música e pinta um retrato vívido do Brasil.

A robustez da música de concerto brasileira continua a se manifestar em gerações posteriores, embora de formas distintas. Compositores mais modernos, como Ernani Aguiar, mantêm um diálogo direto com essa tradição nacionalista, utilizando ritmos e melodias folclóricas para enriquecer sua obra coral e orquestral. Já

Egberto Gismonti representa uma evolução híbrida, incorporando as raízes indígenas e afro-brasileiras, mas as filtrando por uma linguagem que dialoga com o jazz e a música contemporânea, criando uma ponte entre o erudito e o popular. Por sua vez, Flo Menezes se afasta do folclore para se aventurar na música eletroacústica e de vanguarda. Além da quebra estética, sua busca por uma linguagem musical original e inventiva ecoa o mesmo ímpeto de ruptura da geração de Villa-Lobos, que também ansiava por uma expressão genuinamente brasileira, mas agora dentro de um contexto tecnológico e globalizado.

Assim, é com essa importante visão sobre a música brasileira de concerto que se contextualiza a relevância do concerto do próximo sábado, 9 de agosto, Sesi no Parque. A apresentação da Orquestra Sesi MT com o violinista Ricardo Herz promete ser uma celebração dessa rica tradição.

Ricardo Herz se insere de maneira notável nessa linhagem de compositores, revelando como a tradição nacionalista continua a evoluir na contemporaneidade. Como Villa-Lobos e seus contemporâneos, Herz partiu de uma formação erudita para buscar uma linguagem profundamente brasileira. Em vez de se prender às formas clássicas como sonatas e fugas, ele utiliza o violino – um instrumento clássico por excelência – para explorar o universo de ritmos nacionais como o samba, o choro e o forró. Sua capacidade de misturar técnica erudita com a improvisação do jazz e o swing de ritmos como o baião e o maracatu ecoa a mesma busca por uma síntese cultural que impulsionou outros compositores de gerações passadas.

Herz é um músico com formação erudita e sensibilidade popular, que ampliou as possibilidades do violino no Brasil ao unir técnica clássica com ritmos nacionais. Com trajetória internacional e sólida produção artística, é referência para quem busca uma linguagem instrumental autêntica, criativa e profundamente brasileira. Dessa maneira, demonstra que a vitalidade da música de concerto brasileira reside não apenas na releitura do passado, mas na capacidade de inovar, reinventando instrumentos e linguagens para criar uma expressão genuinamente autêntica e contemporânea.

O encontro em Cuiabá é um momento especial para celebrar um Brasil que dá certo: a alma brasileira, a excelência da música de concerto e a atuação de uma orquestra de alto nível. Neste espetáculo, a Orquestra Sesi se apresenta em formação de cordas, com o apoio funcional de uma banda excepcional, acompanhando o violinista convidado.

Trata-se de mais um grande presente da Fiemt e do Sistema Sesi para Mato Grosso. A entrada é gratuita, e o evento acontece no Parque das Águas, no dia 9 de agosto, às 19h.

Fabricio Carvalho é *maestro e membro da Academia Mato-Grossense de Letras (Cadeira n.º 23)*